

Conversando com Virginia Ungar^[1]

Esta entrevista, concedida pela dra. Virginia Ungar ao Conselho Editorial da revista *Bergasse 19*, ocorreu no dia 16 de abril de 2021, em plena pandemia, e foi realizada de modo remoto. A conversa foi conduzida por Ana Cláudia G. R. de Almeida e contou ainda com a participação dos seguintes colegas: Alessandra Paula Teobaldo Stocche, Denise Lopes Rosado Antonio, Luciano Bonfante, Marta Maria Daud, Marystella Carvalho Esbrogeo e Mauro Campos Balieiro.

B19: Virginia, mais uma vez te agradecemos pela sua disposição, pela generosidade e por estar conversando conosco sobre sua experiência como psicanalista, profissional e, no momento, como presidente da IPA.^[2] Queríamos começar dizendo a você que nós, nos últimos dois anos, temos vivido sob um impacto impressionante dessa situação, que é global, da pandemia de Covid-19. Isso tem trazido impactos para todos nós no planeta, em vários níveis, situações de saúde, sociais e econômicas de muitas dimensões. A gente queria te ouvir falar um pouco sobre como foi essa experiência para você estando à frente da IPA, como presidente, tendo aí esse panorama internacional da psicanálise. Que impactos você sentiu, observou, tanto dos analistas em nosso trabalho e na questão da saúde mental, como das pessoas, na população de modo geral?

Dra. Virginia: Muito obrigada! Estou muito contente de poder estar conversando mais uma vez com vocês e de ter a oportunidade não somente de que me escutem como também, e se assim o quiserem, de intercambiar algumas ideias. O impacto da pandemia chegou muito cedo na IPA, praticamente desde que começou na China nos chegavam notícias de Wuhan, porque justamente nessa cidade temos um grupo de psicoterapeutas e analistas da IPA, que também ensinam psicoterapia psicanalítica. Não é a formação psicanalítica que está a cargo do Comitê da China, mas ficamos sabendo imediatamente da pandemia, e claro que oferecemos ajuda para todos eles, a contenção e a escuta por meio de todos os membros que trabalham em contato com esses psicoterapeutas de Wuhan. Logo no começo, percebemos que deveríamos começar a pensar sobre os congressos, por exemplo, da região da Ásia-Pacífico, que seria no mês de abril de 2020. Tivemos que pensar sobre o que faríamos com isso, e lamentavelmente se iniciou um processo de cancelar esses eventos.

Acredito que desde muito cedo temos sido capazes de decidir por ações, de tomar medidas e de organizar a nossa estratégia em função de podermos manter toda a comunidade internacional da IPA, que vocês sabem que são quase 13 mil membros e 5.500 analistas em formação, de diferentes países e com situações diversas, mas foi essencial, e rapidamente levei isso em conta com a finalidade fundamental de manter todo mundo conectado. Para isso podíamos usar a tecnologia nos seus aspectos positivos, e assim aumentamos a capacidade dos *webinars* e incrementamos os idiomas que estavam sendo desenvolvidos até esse momento. Abrimos uma *listserv* para compartilhar desde textos e escritos até experiências pessoais.

Não demorei em enviar uma carta para toda a comunidade, para os membros, na qual suspendi o requisito da presencialidade para as análises de formação, o que permitiu continuar com elas até que retornassem as condições para serem feitas de maneira presencial, que até então era o requisitado. Não imaginamos que um ano e um mês depois nos encontraríamos em uma situação só um pouco diferente, mas muito aguda para muitos países em que o cenário está muito, muito ruim, como no meu

2. Associação Psicanalítica Internacional.

próprio país inclusive. Aqui na cidade de Buenos Aires, temos a impossibilidade de sair de casa das 20 às 6 horas, com uma total proibição de reuniões. Muitos países da Europa continuam com os mesmos problemas. Há algumas mudanças agora porque começaram o processo de vacinação, mas, enquanto uma grande parte da população mundial não estiver vacinada, o problema parece que seguirá. É muito importante o fato de termos podido continuar com a formação. Tenho que dizer que me sinto muito orgulhosa de que as sociedades, os institutos, as sociedades provisórias e os grupos de estudos tenham respondido de forma muito rápida, e em pouco tempo organizaram a formação na modalidade on-line, como também os seminários, as reuniões científicas e, claro, a análise, que já está sendo feita on-line. Para mim isso produziu um efeito muito positivo nos psicanalistas, tanto nos membros quanto nos analistas em formação, porque somos muito afortunados de poder seguir trabalhando quando há tantas pessoas no mundo que perderam os trabalhos num quadro de desolação. Quando me perguntam sobre o efeito da pandemia levando em conta que já temos mais de um ano de experiência, menciono que há dois aspectos que acho importantes e que provavelmente darão muito material para estudar – o que já está acontecendo; um deles são os efeitos desta doença terrível, altamente contagiosa, da qual ainda conhecemos muito pouco, mas que agora está se fazendo muito mais que um ano atrás. Podemos instrumentar terapêuticas que, no começo da pandemia, não se conheciam. Como eu disse, há as vacinas, mas ainda estamos aprendendo sobre os efeitos, as variantes e mutações do vírus, os efeitos e as sequelas orgânicas de longo prazo, especialmente no sistema nervoso. No entanto, um efeito direto é o medo, ter que conviver com a possibilidade iminente de morrer. Primeiro, a possibilidade de adoecer e contagiar, e depois a possibilidade de morrer, porque o número de mortos nas estatísticas até pode não parecer muito alto, mas é muito alto. Faleceram já pessoas muito próximas nas famílias, colegas, e isso continua acontecendo. Um efeito tem a ver com o impacto direto de conviver com a ideia de que somos mortais. Antes podíamos usar nossas defesas de uma forma tão eficiente que até dava para negar isso. Tornou-se evidente que vivemos na incerteza – claro que sempre vivemos na incerteza, mas antes tínhamos desenvolvido mecanismos tão bons para negá-la, e agora já não podemos contar mais com isso. O segundo efeito se relaciona com os diferentes graus de isolamento, porque há diferentes medidas tomadas nos mais diversos lugares do mundo. Na Argentina determinaram um isolamento obrigatório desde muito cedo e por muito tempo. Depois disso começou um processo de relaxamento, e agora está sendo muito difícil impor as restrições porque a população está esgotada, mas também é uma grande verdade que os sistemas de saúde e a capacidade sanitária estão tensionados ao máximo. É necessário tentar um equilíbrio de medidas, mas é muito difícil e delicado, porque isso se vincula estreitamente com a capacidade de receber ajuda sanitária. Estou falando em termos internacionais, porque não vou mencionar país por país. No entanto, chegar a um patamar em que se decide quem será entubado e quem não é algo horrível, espantoso. Cada balanço delicado vai provir de cada sistema de governo. De todo modo, os efeitos do isolamento e de

conviver diariamente com esse perigo são muitos, e estamos vendo o esgotamento, o cansaço, a depressão, os estados de angústia generalizada e as crises de pânico. Para as crianças também falta o contato – não somente com as pessoas de mais idade da família, porque as crianças rapidamente entenderam que não podem se aproximar nem beijar ou abraçar os avós. Elas entenderam isso muito mais rápido que os próprios avós, que constantemente se queixam de que sentem saudades. Sou analista de crianças, mas também mãe e avó. Posso garantir que as crianças entenderam isso muito rápido, mas o fato de não estarem em contato com seus pares e de viverem com medo, isso nos vai dar o que pensar – o que já está acontecendo – e estudar, porque o efeito traumático sempre pode ser visto a posteriori. Nós e os nossos pacientes estamos todos no mesmo barco, um navio que está em uma forte tormenta. Isso é algo para ter muito claro, porque não somos seres privilegiados, muito embora estejamos tal como eu estou agora, no meu consultório. Devemos estar muito mais atentos para nossa capacidade de trabalho, de esgotamento, e para nossas reações contratransferenciais.

B19: Eu vou te perguntar justamente nesse sentido. Você comentou que nós, como seres humanos, temos descoberto a nossa mortalidade, e os analistas também. A nós como psicanalistas certamente vai abrir uma área necessária de estudos, de pesquisa, de desenvolvimento, pessoal e também da psicanálise. Penso que o que você comentou que aconteceu com a IPA é o que aconteceu com todos nós. Essa necessidade de nos mantermos conectados. Você disse que foi a primeira providência: vamos nos manter conectados. Minha impressão, e com os meus colegas podemos conversar, penso que é muito importante para nós analistas e para as sociedades componentes ter essa facilidade. Inclusive nos deu uma ideia de uma aproximação. Não sei se na IPA o sentiram assim, de nos termos aproximado. A primeira providência foi de buscar a ligação, e isso através do contato on-line, remoto, como você falou, inclusive autorizando a validação tanto da análise quanto da supervisão on-line, o que anteriormente não era aceito, pelo menos formal e institucionalmente. Inclusive tem uma nota da IPA, faz uns anos, da época do Stefano Bolognini, na qual se dizia claramente que isso não era reconhecido, que não havia esse reconhecimento. Por conta dessa necessidade urgente, isso passou a ser reconhecido e como uma providência básica, como a gente está falando, para a gente seguir trabalhando e estudando. Como você enxerga isso daqui para frente, para o futuro? Você acha que isso é uma tendência que veio para ficar, que isso deve se estabelecer como formação?

Dra. Virginia: Das estruturas que criamos, uma são os denominados grupos de trabalho. Eu não gosto de usar o termo grupo de tarefas porque, na língua espanhola, nos traz uma reminiscência histórica muito ruim na Argentina. Mas se trata de grupos de pessoas especialistas em um determinado tema. Temos criado vários grupos,

e um deles é o de *remote training*, porque essa determinação da análise realizada on-line, que eu mesma assinei, é uma situação de exceção, ou seja, enquanto durar a pandemia. Agora temos um comitê integrado por membros de diferentes regiões e das mais variadas tendências (porque alguns são a favor e outros são contra) que está estudando muito profundamente esse tema do ponto de vista psicanalítico. Eles vão revisar as regulações da IPA, e certamente trarão recomendações que vamos levar em conta para a reunião do *board* no mês de julho. Vocês sabem que há várias tendências, e até agora não é que não esteja permitida a análise on-line, mas é que pode ser realizada sob certas circunstâncias. É um requisito pedir a excepcionalidade perante o Comitê de Educação e ter um determinado número de sessões presenciais. O que fizemos agora foi retirar as condições de realizar o pedido de exceção no Comitê de Educação, e assim permitimos todas as análises. Acredito que em algum momento – nem sei quando isso vai acontecer porque nunca imaginamos que em um ano e um mês seguiríamos nesta situação –, vamos tomar essas recomendações. Vamos ver o que nos sugerem, e aí vamos ver. Eu acredito que muito provavelmente chegemos a uma situação intermediária. Alguns estão a favor do que chamamos de *full remote training*, ou seja, completamente on-line, em que poderia acontecer que o analista em formação e seu paciente nunca cheguem a se encontrar pessoalmente. Para outro grupo de analistas isso não é ideal nem possível. Outros colegas têm um posicionamento intermédio, um meio termo. Vocês sabem que nós, os latino-americanos, temos o Ilap,^[3] que é o instituto de formação que tem um regulamento próprio com uma determinada percentagem de análises presenciais e outra, on-line. Se alguém me perguntar o que eu penso não como presidente da IPA, mas como uma opinião totalmente pessoal, eu falo que provavelmente devemos revisar os atuais requerimentos porque são de aproximadamente um ano atrás e devemos ver no que dá. Eu não consigo me imaginar como analista tendo uma experiência de análise de formação com alguém que nunca tenha visto e que nem verei pessoalmente. Realmente não me imagino numa situação dessas, mas isso não serei eu quem vai decidir. Será decisão do *board*, que receberá sugestões, as estudará e posteriormente decidirá. Acho que é muito importante esclarecer esse assunto.

B19: De qualquer maneira parece que essa situação funcionou como uma espécie de catalizador, tornando o processo talvez mais ágil, mais rápido, e trazendo para nós um volume, uma quantidade e qualidade de experiência que a gente nunca imaginaria. Provavelmente vai marcar essa história e desenvolvimento desse atendimento.

Dra. Virginia: Não tenho nenhuma dúvida de que vamos ter muita coisa para estudar, debater, discutir, e será necessário chegar a um acordo. Pensem que somos uma organização internacional com regiões completas, mas com diferentes

3. Instituto Latinoamericano de Psicoanálisis.

modalidades de pensar a psicanálise. Eu sempre defendo que temos que aceitar as diferenças. Aceitar no sentido de respeitar e trabalhar sobre as diferenças, com elas, não negá-las ou ter posições extremistas.

B19: Nesse sentido há uma outra questão que a gente pensou justamente na participação que temos visto tanto no Brasil quanto no restante da América Latina cada vez mais de manifestações dos analistas das sociedades, das instituições, em questões políticas, sociais e culturais. Em especial, eu acredito que você possa estar acompanhando a Fepal e a Febrapsi,^[4] e muitas das nossas sociedades brasileiras que muito frequentemente têm vindo a público se manifestar a respeito de questões sociopolíticas. Nós estamos vivendo um momento político bastante conturbado no nosso país em especial, e os analistas e as sociedades na sua maioria têm se posicionado. O que você pensa sobre isso, como você observa esses movimentos e essa participação política do psicanalista – mas que a gente entende política no sentido daquele que cuida do bem comum, que participa do cuidado daquilo que é comum? O que você pensa disso?

Dra. Virginia: Estamos todos em um momento da história e do mundo em que, acredito eu, nenhuma psicanálise pode ser pensada fora do contexto em que acontece esse processo psicanalítico. Ao longo da história, podemos dizer que, quando surgiu a psicanálise, o foco estava naquilo que acontecia com o paciente. Depois, aconteceram outros desenvolvimentos, especialmente da Escola Inglesa com a questão da contra-transferência, e o foco se deslocou para a mente do analista. Em um outro momento, e acredito que tenha sido fundamentalmente a partir da noção de *campo* dos Baranger, o foco se dirigiu ao que acontece no vínculo analítico. Acredito estarmos em um quarto momento, em que não podemos deixar de levar muito em conta o contexto, a cultura, os movimentos e tudo o que acontece no contexto. Acho importante esclarecer duas ou várias questões. Uma que, como instituição, a IPA e eu, como presidente, para dar um exemplo, estamos sob a lei inglesa. Portanto, é por uma questão administrativa, e todos da junta também estão nessa situação. Como consequência eu não posso assinar qualquer documento ou abaixo-assinado em que apareça a minha opinião pessoal nos assuntos internos de um determinado país. Não obstante, eu tenho feito algumas declarações: uma quando, nos Estados Unidos, o então presidente decidiu separar as crianças de imigrantes latinos das suas respectivas famílias. Lancei um comunicado falando dos efeitos traumáticos e patológicos decorrentes de separar as crianças de pouca idade das suas famílias. Depois, difundi um outro comunicado com a onda de racismo que explodiu no ano passado. Com isto estou defendendo que nada pode ser visto fora da política. Nestes últimos anos, estive estudando essa temática, assim como nos primeiros anos da minha presidência estudei sobre gênero e a mulher. Para falar

4. Federação Psicanalítica da América Latina e Federação Brasileira de Psicanálise.

a verdade eu estudo sozinha, porque não tenho condições de participar de grupos ou ir nas aulas. Nos dois últimos anos, me dediquei a estudar as questões de autoridade, do poder, a construção do poder, o que chamamos de liderança, e a partir dos dois estudos sendo combinados sustento a ideia de que o pessoal sempre é político. Ou seja, não sei o que realmente pode ser entendido fora da política. Mas intervir nas situações de cada país me parece que requer sermos muito cuidadosos. Seja como for, para mim nada há que possa ser entendido fora da política. Acredito que o que acontece – não sei se vão concordar comigo – é que a política tem sido vista como se fosse um palavrão, como algo muito ruim. Os políticos com muita frequência geram uma grande desconfiança. Para trocar em miúdos: “se alguém mexe com política, é porque algo deve ganhar com isso”. Acredito que seja um problema com as pessoas que exercem os lugares de poder. Não acredito que isso tenha que ser pensado assim da política. Menos ainda por nós, como psicanalistas. Para mim não foi uma surpresa, mas descobri que eu estava exercendo uma posição de liderança. Não de poder, porque o poder é uma coisa que é construída e eu sozinha não decido nada. Temos uma junta com sete representantes de cada região, além de um vice-presidente e um tesoureiro. No entanto, não fomos formados para exercer essas funções, por isso que eu corri atrás do prejuízo e estudei muito. Fomos formados na prática privada para atender os nossos pacientes nos consultórios, e assim vai continuar a ser, e assim tem que ser. Mas acredito que temos que acrescentar um estudo sério da política e da relação com o institucional. Adoro falar disso. É algo que podemos ver nas manifestações da Febrapsi, da Fepal, como também nas manifestações que eu mesma assinei em relação a determinadas situações e como, por exemplo, menciono o fato de que nesta administração começamos com uma mudança na estrutura da IPA, em que incorporamos a IPA na Comunidade.

B19: Quando você diz de estudar questões políticas e questões institucionais, você vê esses temas e essas possibilidades inseridas na formação do psicanalista? Inclusive como parte de grade curricular, como uma participação efetiva na formação do psicanalista? E aí eu colocaria as questões da cultura, dessa visão de política e de ética.

Dra. Virginia: Sim, a ética é fundamental, e nós temos um excelente comitê de ética, liderado por um colega brasileiro, o Altamirando de Andrade, que trabalha profundamente nessa área, revisando todas as questões de ética e estudando os temas relacionados. Vocês sabem que o Stefano Bolognini propôs uma quarta perna, ou pata, no tripé, ou seja, a relação com a instituição. Ele fez essa formulação, e eu acredito que a relação com a instituição tem que começar já no momento de iniciar a formação. As instituições devem tentar esse estudo, e quando eu falo de estudar não é algo fácil, porque tem que aprender a estudar, é necessário ler, construir um diálogo interdisciplinar com as pessoas que estão formadas para isso. Acredito que

seria muito legal que o início seja na formação e de uma maneira muito cuidadosa, séria e com pessoas que realmente conhecem o tema. Eu sou muito amiga de fazer optativas de algumas questões. Estou muito envolvida, por exemplo, com a observação de bebês, de lactantes, usando o método da Esther Bick, e na minha sociedade é opcional. Gosto muito de dar a possibilidade para que a pessoa que realmente deseje fazer esse curso o faça, porque às vezes não há interesse.

B19: Eu quero fazer um parêntese – aqui a gente não tinha pensado nisso. Eu li que você, Virginia, inicialmente, antes de fazer medicina, tinha feito uma outra faculdade, de filosofia, ou seja, na área de humanidades. Então você se iniciou na área de humanas. Depois foi para a medicina. Qual foi exatamente o curso?

Dra. Virginia: Trata-se de uma história pessoal: a minha primeira análise começou pouco antes de fazer 18 anos. Tive a sorte de ter um pai que não era psicanalista, era médico radiologista. Eu tinha 17 anos e tinha terminado um namoro. Estava um pouco triste. Meu pai disse: “Virginia, o que você acha de consultar um psicanalista?” Eu era colega de escola da filha do José Bleger. Meu pai me disse: “Vou ligar para ele”. Bom, ligou nada menos que para o famoso José Bleger, que respondeu pedindo que fosse na sua casa num sábado às três da tarde. Essa entrevista foi inesquecível, me marcou para sempre. Eu estava na universidade, tinha uma relação de muita admiração com uma professora do curso cujo marido era antropólogo. Então, fiz o curso de antropologia, estudei dois anos e, na verdade, ainda sigo gostando da área. No entanto, como também tinha começado a minha análise pessoal, de adolescente, percebi que gostava muito da psicanálise, então abandonei a faculdade e tive que fazer todo um ano de curso de ingresso para o vestibular. E foi assim que comecei com a medicina, porque nessa época não se admitiam os psicólogos para a formação psicanalítica. Era um requisito ser médico, mas gostei muitíssimo de ter estudado medicina. Ainda hoje sigo contente, porque me permitiu conhecer um mundo ao qual de outra forma nunca teria acesso. O mundo do sofrimento, da dor, da morte, dos nascimentos... percebi que eu gostava muito mais de escutar os pacientes, conversar com eles, que examiná-los. Então, logo que me formei em medicina – e tive o meu primeiro filho, no último ano do curso –, aos 28 anos iniciei a minha formação psicanalítica.

B19: Você estava contando um pouco da sua história, e eu fiquei pensando agora, com esse retorno, me lembrei da sua história pessoal, à medida que você estava falando aqui sobre as questões políticas, dessa forma de exercer essa coordenação na IPA. Eu fiquei com a impressão de um reencontro com as suas questões lá no início do estudo do social e como isso serve para a psicanálise. Então, vamos lembrar um pouco também que quando você esteve aqui, em Ribeirão Preto, ainda em 2010, você também concedeu uma entrevista para a gente. Aí você disse algo que o futuro da psicanálise estava em levá-la para a

comunidade para mostrar os benefícios do tratamento psicanalítico e também da prevenção. Sabemos que as instituições psicanalíticas, como a IPA e a Fepal, têm incentivado a psicanálise a não ficar somente nos consultórios. A gente recebeu um convite da Fepal... vou ler um trechinho dele porque vai muito ao encontro do que estamos falando desse item, que é “A psicanálise em trânsito: clínica emergencial na América Latina”. E o convite começa assim:

A clínica extensa, aquela que vai para além do consultório, nos mostra uma psicanálise em trânsito e repleta de incertezas. O que remete ao tema do próximo congresso da Fepal: Transitoriedade/Incertezas ...

Não obstante, parece que ainda hoje a extensão da clínica psicanalítica é vista como um excedente da formação, um “a mais”, que pode ou não ocorrer.

Como pode a clínica extensa sair desse lugar de excedente?

Esse texto está no convite que a Fepal nos enviou e que a gente correlacionou com a sua fala, ainda daquela entrevista de 2010, ainda falando disso que a gente está chamando de clínica extensa, que vai além do consultório. Como você acha que a IPA está pensando essas questões, e existem ações, projetos nesse sentido em relação à clínica extensa?

Dra. Virginia: Na verdade, não é que estamos pensando – começamos fazer quatro anos a trabalhar nisso, porque em 2017 inauguramos uma nova estrutura. Se vocês derem uma lida na estrutura da IPA, verão que tinha uma grande estrutura que é Administração e Governança, outra que é a Área Científica, e mais uma que é Desenvolvimento. Cada uma delas tem comitês, muitos comitês. Quando nós começamos a gestão latino-americana, acrescentamos na IPA uma quarta estrutura que se chama IPA na Comunidade. No mês de janeiro de 2017, começamos justamente com essa ideia de que a psicanálise desenvolveu um método que está muito provado, um método de excelência que nos formou para o exercício da prática privada, mas que esse é um método que, com a forma de pensar psicanalítica, deveria sair dos consultórios, sair das sociedades e ir para a comunidade. Convido todos vocês a ver como funciona; posso enviar a estrutura interna para que vejam, inclusive em português, porque o Sérgio dispõe da versão. Nós inauguramos seis áreas: a IPA no Campo Educativo, com cinco subcomitês (pré-escolar, escolar, primário, secundário e universitário); a IPA e as Organizações Humanitárias tem um subcomitê Nações Unidas, um subcomitê de organizações humanitárias (como as relações com a Unicef, Unesco, Médicos Sem Fronteiras – nesta está trabalhando muito ativamente uma jovem colega, a Paola Amendoeira, que está em Brasília); a IPA no Campo da Saúde, que se divide em Saúde Mental, com três comitês, e Medicina Geral, com um subcomitê de psicossomática e outro de especialidades médicas; criamos o Comitê de Violência, que desde 2017 é coordenado por uma analista inglesa, a Carine Minne, que trabalha nas cadeias com mulheres condenadas. Já tínhamos o Comitê de Psicanálise e Lei,

Psicanálise e Cultura, e o penúltimo que abrimos foi o Comitê de Clima. No entanto, dentro do Comitê de Organizações Humanitárias abrimos um subcomitê de migrações e refugiados. Convido todos vocês para que façam a inscrição no congresso on-line, para ver a cerimônia da entrega de prêmios. Poderão ver como trabalha a IPA na Comunidade, realmente de uma maneira impressionante. O último projeto foi o Intercomitê de Preconceito e Racismo, e aí se juntaram os coordenadores do Comitê da Mulher, da Diversidade Sexual e de Gênero, do Comitê de Violência e também daquele que se dedica às organizações humanitárias, em que trabalha a Paola. Isso estava sempre no meu pensamento desde 2010 e se fez realidade faz três anos e meio. É um trabalho impressionante, conseguimos transformá-lo em uma realidade, e a resposta também foi impressionante. Concretamente estamos trabalhando em tudo isso.

B19: E isso se passa... você observa em todas as regiões da IPA que isso acontece da mesma forma? Foi aceito da mesma maneira ou tem diferenças regionais nesse sentido?

Dra. Virginia: Na América Latina temos muita experiência de trabalhar com a comunidade, seja institucional ou não institucional. Por isso, na América Latina imediatamente teve uma resposta positiva. Tivemos muitas surpresas boas como o que aconteceu e me encheu de orgulho durante a pandemia, que foi a grande rapidez com que no mundo todo abriram foros de ajuda, linhas telefônicas de ajuda abertas para a comunidade. Estou insistindo que na América Latina temos muita experiência com isso, mas não foi somente aqui. Na ocasião do congresso de Londres, em 2019, uns meses antes o Sérgio Nick me disse: “Virginia, vamos conceder prêmios para os melhores projetos da IPA na Comunidade”. Eu respondi: “Mas, Sérgio, acho que ainda é muito cedo, faz pouco tempo que começaram”. Ele imediatamente disse: “Vamos fazer isso, vamos premiar”. Consegui me convencer... e chegaram 136 propostas de todas as partes do mundo! O primeiro prêmio da presidente foi para o Peru, mas neste ano foi a África do Sul. Nós não premiamos pessoas, premiamos, sim, os projetos – com pouco dinheiro porque está escasso. E ganhou um projeto da África do Sul, que convido vocês a conhecer, que se chama Ububele Baby Mat, em um lugar muito pobre na Cidade do Cabo. Nesse projeto, eles colocam um tapete sobre o chão nos quais ficam as mães com os seus bebês. Há duas ou três analistas que trabalham nisso, são da África do Sul, psicoterapeutas, e inclusive há uma intérprete africana porque falam em dialeto. Conto isto para que tenham uma ideia de como chega a diferentes partes do mundo como, por exemplo, a Índia. Na cerimônia da premiação vocês vão poder ver como se trata de um trabalho impressionante. Os 136 projetos que chegaram nos permitiram fazer um mapa para saber o que está sendo realizado no mundo nesse trabalho de levar a psicanálise para a comunidade, e não ficar esperando que a comunidade venha para os nossos cursos, reuniões. Definitivamente não. A questão é

sair. Penso que cada um de nós deveria fazer a mesma coisa – convido todos a dedicar duas horas do seu tempo na semana e se deslocar até uma escola, um hospital, a um centro de saúde para trabalhar com isso concretamente. Nós podemos dar muito. Estou totalmente convencida disso.

B19: Sim, e essa experiência, ao mesmo tempo, transforma a experiência do analista. Não é? Isso volta também para o trabalho do analista no consultório.

Dra. Virginia: É isso mesmo, transforma! Por isso eu insisto em convidar todo mundo para fazer a inscrição no nosso congresso, porque vai ser muito bom, e ali vão conhecer todos esses projetos. É muito importante, porque a gente está acostumado com a nossa região, a Fepal tem muita atividade, no entanto, quando assistimos a uma reunião e vemos o que se faz na Índia, por exemplo... as necessidades que têm... Bom, nem preciso dizer como é.

B19: Você comentou a respeito do congresso internacional “O Infantil”, e relacionado inclusive com a apresentação desses projetos, da premiação e tudo o mais. Pensando nesse tema do congresso e nessa discussão que estamos tendo aqui, tanto da clínica extensa quanto essa questão dos tempos conturbados – que nós chamamos de tempos interessantes; são tempos perturbadores, desafiadores, e ao mesmo tempo seminiais que trazem algo de novo –, pensando no infantil em relação a isso que estamos conversando hoje, o que poderia trazer dessa ligação: o infantil dentro desses tempos perturbadores, dessas propostas?

Dra. Virginia: Bom, tenho que relatar um pouco da história a respeito de como escolhemos, com o Sérgio, o título do congresso – “O Infantil”. Eu, pelo fato de ter sido a primeira mulher presidente da IPA, para o congresso de 2019 queria que fosse o tema da mulher. Depois de muitas conversas, chegamos ao feminino, e foi realmente um grande congresso. Com certeza muitos de vocês participaram ou escutaram. Mas, como o Sérgio e eu somos analistas de crianças e adolescentes, para o segundo congresso queríamos levar o tema das crianças, que a infância estivesse presente. Não queríamos fazer um congresso sobre análise de crianças, mas sobre o infantil, que é algo que está presente em todos nós independentemente da idade ou do gênero que for – e não somente em nós mesmos como também na cultura, na arte, na literatura, na dança, nas artes visuais e também, claro, nas instituições. Isto é, o infantil não é o pequeno, mas sim a força criativa que há em todos nós, a criatividade como a conhecemos e que o Winnicott explicou perfeitamente. É a possibilidade de sermos criativos e estarmos abertos para novas ideias, a possibilidade de transformar. Em tudo isso o infantil faz sentido. Não foi fácil, porque “o infantil”, em inglês, soava como sendo algo pejorativo, diminutivo em

sentido ruim. Mas o infantil é o que temos todos nós, ainda que muitos dos pacientes o tenham separado de si mesmos, recalcado, cindido, ou a palavra que vocês preferam para descrever a perda do contato com essa fonte de criatividade. E se paga um preço muito alto por isso. Muitos dos nossos pacientes estão no caminho de uma carreira profissional de sucesso – e eu nem sei qual é esse sucesso –, mas para ter isso no trabalho tiveram que ficar cindidos, separados do mais criativo deles, do mais genuíno.

Foram apresentados muitos trabalhos, e dessa vez escolhemos convidar – e ainda bem que aceitou – uma escritora muito conhecida, a Siri Hustvedt, que vai apresentar um trabalho na conferência de abertura. É uma escritora que vai falar da possibilidade de criação e do ponto em que se conecta a psicanálise com a arte. Como eu sou uma seguidora do Meltzer, para mim isso é muito conhecido, isto é, que a psicanálise está muito mais perto da arte que da ciência. Vai ser muito interessante discutir isso durante o congresso. Além disso, há quatro trabalhos principais que chamamos de *keynote papers* e são muito interessantes. Mas o tema “O Infantil” deve se diferenciar de noções como infância e criança. Até porque a criança da época em que nasceu a psicanálise não é a criança do século XXI. A infância é um conceito muito complexo, e não vou falar dele neste momento, mas é o resultado da interação da criança com a sua época e com a sua cultura. Por isso, a noção de infância de cada época sempre é diferente. Essa noção nos faz ver que a população mais vulnerável do mundo são as crianças. Vulnerável pela desigualdade de acesso às oportunidades tanto de educação quanto de saúde, e melhor nem falar dos níveis de pobreza que na América Latina conhecemos muito bem. Aliás, não somente na América Latina. Por tudo que relatei, consideramos muito importante dedicar um congresso ao infantil. Esperamos que desperte em todo mundo o mesmo entusiasmo que nós temos.

B19: Então, de alguma maneira, nessa crise global e nessas dificuldades, pode ser convocado o infantil em cada um de nós – no sentido em que você fala do infantil, que a gente trata como essa fonte de criatividade, de espontaneidade de lidar com essas questões da vida. Que se possa fazer também essa ligação. Eu quero aproveitar a questão do congresso, porque eu vi que nós teremos algumas atividades com tradução para o português também. De certa maneira me pareceu uma novidade, a forma como foi proposta me pareceu algo novo, que não é tradição. E a nossa língua não é reconhecida como língua oficial – e nós temos a comunidade de psicanálise de língua portuguesa com que fazemos congressos, composta por Brasil, Portugal, diversos países da África, Macau... Como é que você vê essa questão da língua portuguesa na IPA? Essa novidade que está sendo proposta para o próximo congresso.

Dra. Virginia: Essa novidade vocês todos têm que agradecer ao Sérgio Nick por ser assim. Todos os brasileiros têm que agradecer ao Sérgio. Ele tem todo o meu

apoio, e os que me conhecem sabem bem do meu afeto e união com o Brasil, com o povo, com a música brasileira. Eu amo o Brasil. [O português] não é uma língua oficial, mas já é o segundo congresso em que se oferece essa atividade de tradução. Portanto, estamos indo. Na nossa administração o idioma português não foi oficial, mas conseguimos que, nos dois congressos, as atividades que foram traduzidas para os quatro idiomas oficiais também fossem traduzidas para o português, e isso foi uma conquista. Esse congresso tem a vantagem de que haverá muitas atividades ao vivo, e outras que ficarão gravadas para acesso em diferentes momentos. Teremos a possibilidade de organizar reuniões com as pessoas que o desejem. Claro que não dá para fazer algo igual à modalidade presencial, mas estamos fazendo todo o possível para oferecer um espaço interessante. Usamos todos os recursos de que dispomos, inclusive haverá uma aplicação da qual o Sérgio logo vai nos contar. No congresso, por exemplo, se a gente quer se encontrar com alguém ou montar um grupo para uma determinada hora, isso será possível de ser organizado. Portanto, estamos fazendo um grande esforço, e o fato de contarmos com a tradução para o português também é fruto de muito esforço, algo que conquistamos. É muito provável que no futuro avancemos na questão das línguas oficiais. Com o Sérgio comentamos que seria muito bom que todos os que falam português se inscrevam, porque este será o último congresso da administração latino-americana. Quanto mais significativa for a presença de falantes de língua portuguesa, melhor será, porque teremos mais força!

B19: Bom, e aproveitando essa questão: se eu não me engano, é a terceira gestão latino-americana na IPA e a primeira de uma mulher. Isso é muito marcante e significativo, Virginia – a primeira mulher presidente da IPA. Como é que é isso para você? Como você vê isso em termos históricos para a psicanálise?

Dra. Virginia: Em termos históricos foi um grande impacto. Quando eu fui escolhida, começaram a me chamar na mídia para entrevistas e me perguntaram – porque vocês sabem bem que a IPA foi fundada no ano 1910 – por que tinham demorado tanto para escolher uma mulher como presidente. Fundada em 1910, e eu fui eleita em 2015! Puxa vida, quanto demorou! Já falei que não posso dar uma resposta para isso, simplesmente porque não tenho a resposta. Isso deveria ser estudado pelos especialistas nas ciências sociais, porque consiste em um paradoxo, já que as mulheres estiveram presentes desde muito cedo na psicanálise. As pioneiras – bom, nem é necessário entrar em mais detalhes a respeito da Anna Freud, Marie Bonaparte, Melanie Klein, e aqui na América Latina temos nomes como Arminda Aberastury na Argentina, a Virgínia Bicudo no Brasil e muitas outras. A questão é por que uma mulher não foi escolhida antes, e a resposta tem a ver com uma situação histórico-política. Quando nasceu a psicanálise, o homem não somente era o centro da família como também o centro da vida pública, e era o eixo do discurso público. A

voz da mulher demorou muito para ser ouvida. Demorou demasiado tempo, assim como para que uma mulher fosse presidente. No entanto, agora vão ser presidente e vice-presidente, ou seja, duas mulheres para a próxima gestão. Pessoalmente para mim, foi uma enorme responsabilidade. Ser mulher e latino-americana. Eu queria e estava decidida a fazer com que a voz da mulher e a voz da América Latina, a psicanálise latino-americana, tivessem uma importante presença. Por isso comentei que conseguimos introduzir uma nova estrutura, a IPA na Comunidade, e isso vai permanecer, porque se trata de uma estrutura, e não somente de um comitê em que há muitas pessoas trabalhando, e para mim isso é um logro e tanto. Também há o tema da mulher que apareceu para discussão como no congresso que realizamos em Londres. E também teve a participação da Julia Kristeva, que aceitou gentilmente ministrar a conferência de abertura. Para mim significou a oportunidade de conhecer gente muito interessante que, de uma outra maneira, teria sido impossível. Especialmente ter conhecido mulheres como a Julia Kristeva – que tenho a honra de ser chamada de sua amiga e de já termos nos reunido várias vezes. Também é o caso da Siri Hustvedt, que é uma personalidade muito impactante; tive a sorte de conhecê-la em fevereiro do 2020, na última vez que viajei, para o congresso de Nova York. Penso que se nós conseguirmos deixar uma marca de América Latina e uma marca de mulher – não que pelo fato de eu ser uma mulher signifique que sou alguém especial, mas porque se colocou em discussão o tema da mulher –, com essas duas coisas eu particularmente estarei muito contente. E tenho certeza de que vão continuar nessa linha a Harriet Wolfe e a Adriana Prengler, que vão dar continuidade aos planos que já estão em funcionamento.

B19: Sim, isso quer dizer que há possivelmente uma transformação social e institucional que trouxe uma mulher, mas também uma transformação da mulher, que pode se propor para essa função.

Dra. Virginia: Sim, certamente, porque também devemos ter uma parcela de coragem na vida.

B19: Da potência feminina que pode se propor para uma tarefa assim.

Dra. Virginia: Com certeza. Isso foi o que a Julia Kristeva disse na conferência, que vocês também devem ter. Se não tiverem, está disponível, ou eu envio para vocês. Nela a Julia disse: “o eixo do feminino está na capacidade transformadora”.

B19: A gente já está se aproximando do nosso tempo, mas quero te fazer ainda uma questão relacionada com algo que você disse também na entrevista de 2010. Você apontou vários desafios que a psicanálise enfrentou no passado e que conseguiu superar, e na época você se mostrava otimista em relação ao futuro

da psicanálise. Como é que você vê os desafios que os tempos atuais estão nos apresentando? E você continua otimista em relação ao futuro da psicanálise?

Dra. Virginia: Sim, continuo. Aliás, acho que estou mais otimista que antes. Mais otimista, mas não sou *naïve*, não sou uma ingênua. Por que eu sou otimista? Porque vejo indícios de que a psicanálise está sendo mais procurada agora do que nunca. Não sei como é a prática de vocês, mas a nossa experiência aponta que cada vez somos mais solicitados a trabalhar na comunidade e levar a nossa ajuda, e a gratidão que mostram os profissionais jovens, que estão no que eu chamo de “trincheira”. Também na IPA na Comunidade outorgamos prêmios especiais para os textos sobre Covid. Estou otimista. Por quê? Porque, como acabei de dizer, a psicanálise está sendo requisitada mais do que nunca e porque está sendo ouvida. Quando era jovem eu tinha um posicionamento de muita irritação perante as ofertas de alívio rápido e promessas de curto prazo. Agora já não fico brava com isso, não me irrita, porque penso que cada um pode tomar o caminho que quiser. Ser psicanalista não é fácil. É como disse a Simone de Beauvoir, que a gente não nasce mulher, mas devém mulher. Então a gente devém psicanalista, em um processo longo, que é esforçado, que demanda investimento libidinal e também econômico e de tempo. A gente rouba tempo da família e de fazer outras atividades que gostaria de realizar. Nesse sentido não vejo que seja uma atividade massiva. Porque aquele que se dedica à psicanálise – e isto está em um livro que acredito que será traduzido também para o português, editado por um analista norte-americano que se chama Fred Busch, cujo título é *Dear candidate*, isto é, “querido candidato”. O autor solicitou a um grupo de amigos e colegas que cada um escrevesse uma carta a um candidato imaginário. Esse livro é muito interessante. O que eu escrevi para o meu candidato imaginário é que o(a) felicito por ter escolhido este caminho tendo outros que são muito mais curtos. Dou os parabéns por ter a coragem de fazer a formação psicanalítica. Essa é uma das coisas que digo, e sou otimista neste sentido com a psicanálise, se ela conseguir sustentar um nível de excelência tal como o que nós temos que oferecer, ou seja, a melhor formação que possamos para efetivamente fazer diferença. E dentro dessa formação temos que ensinar uma psicanálise que seja capaz de intervir, claro que não somente nos tratamentos que são individuais, porque a psicanálise de crianças está reconhecida, mas temos a psicanálise de casais, de família, as configurações familiares etc. E se a psicanálise permanecer aberta, escutar, se atrever a discutir – mas com muita leitura e com muito respeito e fundamentos, tal como ensinou o meu mestre, Etchegoyen –, fará a diferença. Que sustente aquilo que diz, seja desde uma metapsicologia ou com uma base teórica suficientemente sólida. E mais ainda, é fundamental que continuem existindo pessoas que têm paixão pelo que fazem como nós todos temos, e isso o vemos também, por exemplo, quando participamos de eventos que organizam os candidatos, tal como eu assisti faz pouco tempo em

um evento organizado pela IPSO.^[5] Não sei se vocês puderam ver esse evento, que dura 24 horas seguindo os fusos horários do mundo e conversando com artistas. Eu conversei com um artista sul-africano. Se continuar a existir esse entusiasmo, claro que vou ser otimista, sempre!

B19: Sim, sim. E você sente que a psicanálise hoje já se estabelece como uma ciência e uma área que se sustenta em um terreno mais sólido. Desde os tempos de Freud até hoje, como se a gente já tivesse ocupado um espaço, já não cabendo mais discutir se a psicanálise vai competir com a psiquiatria, com a medicação. O lugar da psicanálise me parece mais estabelecido, colocado, isso não entra mais.

Dra. Virginia: Estou totalmente de acordo que não se trata de uma competição, porque a psiquiatria tem o seu campo de ação e qualquer um de nós pode ter um paciente que necessite ser medicado. Mas se o tratamento se faz em conjunto com um psiquiatra dinâmico, que medica um paciente por um período limitado de tempo para que possa ter condições de pensar, isso me parece fantástico. Acho que é como deveria ser. Os psiquiatras cada vez mais pedem a nossa ajuda.

B19: Ocupamos o nosso espaço.

Dra. Virginia: Ocupamos o nosso espaço devido à nossa especificidade. É por isso que eu já não fico brava. Antes me irritava muito, e agora eu digo: “bom, se alguém quer fazer um caminho mais fácil, que o faça”. No entanto, muitas vezes, depois vão consultar um psicanalista. Eu sempre defendo que a psicanálise é um método de conhecimento de si mesmo, mas também terapêutico. Nunca devemos esquecer a perspectiva terapêutica, ou seja, temos que aliviar o sofrimento, melhorar uma pessoa que vive fechada com os sintomas. Evidentemente que o nosso espaço está mais delimitado e tem que ser sustentado por uma formação contínua, que é o que todos nós fazemos. Nunca paramos de estudar, de ler.

B19: Bem, estamos aqui emocionados mesmo de ter essa oportunidade, de ter conversado e te ouvido, com toda a sua paixão pela psicanálise. E aí com essa ideia da carta a um querido candidato que, de alguma forma, somos todos nós em formação. E ouvir esse otimismo em relação à nossa prática, que isso é muito importante. Sentimo-nos muito honrados de poder te ouvir e trocar essas ideias hoje com você.

Dra. Virginia: Eu gosto muito de conversar. Vocês certamente perceberam que eu não trouxe nada preparado. Eu gosto de conversar, e conversar sobre a psicanálise,

5. International Psychoanalytical Studies Organization.

e isso me dá muito energia – não me cansa, me dá mais energia! Muito obrigada a todos e à Sociedade tão querida! O dia em que for possível voltar a viajar, algum dia vou até aí para visitar vocês. Quero enviar um grande abraço a todos os analistas, os membros e os analistas em formação.

B19: Esperamos que a nossa língua escrita, publicada, possa ser tão viva quanto o encontro que a gente teve aqui; que a gente consiga, na hora de publicar, transformar isso para o escrito e trazer esse clima de afeto que compartilhamos hoje. Muito, muito obrigada!

Dra. Virginia: Obrigada, muito obrigada! Isto nos faz muito bem a todos!

B19: Vamos te esperar para um café.